

Cidade assiste envergonhada

Desde o dia 14 de outubro, quando o diretor do Departamento de Orçamento da União, José Carlos Alves do Santos, denunciou vários políticos na inclusão irregular de emendas no Orçamento, Brasília presencia de perto o desenrolar cada vez mais complexo de teia de transações ilícitas e negociatas envolvendo nomes de peso na política nacional. A sequência de fatos, logo após o episódio dos deputados Onaireves e Nobel Moura, que barganhavam mandatos e legendas, parece ter deixado a cidade dormente e atônita sem qualquer reação.

Para alguns brasilienses, o sentimento é um só: vergonha. A cidade, no entanto, é defendida e eximida da responsabilidade da má fama, principalmente pela juventude que nasceu ou vive na cidade há muito tempo. Na opinião da cantora Célia Porto, de 26 anos, apaixonada confessa por Brasília, é preciso dissociar o que está acontecendo da vida normal da cidade. "A gente não precisa sofrer só por morar ou ter nascido aqui", comenta.

Mesmo admitindo a imagem de "ilha da fantasia", onde existe uma burguesia predominante na população, Célia diz que ca-

be ao brasiliense desfazer os estereótipos. Dos rótulos que a cidade ganhou, a cantora prefere "capital da esperança, apesar de tudo". Ex-participante do movimento "Impeachment ou Morte", no ano passado, diz que se houver manifestação de rua novamente estará lá. "Apesar do desânimo, é importante participar em busca da dignidade", garante.

Célia é tão apegada à cidade que seu último show, apresentado há dois meses, foi batizado de "A Cara de Brasília". Já para o estudante George Corrêa, aluno do 2º grau do Colégio Setor Leste, músico e ex-cara-pintada, o que está acontecendo com a

capital faz parte de um processo, de "limpeza" que antecede uma fase melhor.

Mobilização — Para a juventude voltar às ruas e exigir mais honestidade dentro do Congresso Nacional, o que falta, na opinião do ex-manifestante pró-impeachment, é mobilização. "Consciência existe, mas as pessoas devem agir", garante o estudante de 17 anos. Ele critica a postura adotada nas escolas, em sala de aula, onde professores e alunos deveriam discutir mais temas tão polêmicos. "Para participar das manifestações do impeachment tínhamos que escapar do colégio escondido", lembra. No ano passado, George concluiu o 1º grau no Colégio Cor Jesu.

O diretor de teatro Fernando Guimarães compartilha a mesma opinião dos demais brasiliense, apesar de não ter nascido na cidade. Goiano, ele veio para a capital com pouco mais de um ano e não foi mais embora — considera-se de Brasília.

"Não podemos deixar que isso se transforme em característica da cidade, daí a necessidade de assumirmos a responsabilidade pela sua defesa", adverte. Durante os 30 anos que passou em Brasília, confessa que descobriu muitas qualidades no estilo de vida local. "Mas mesmo assim, estou tão assustado e decepcionado como todo mundo", conclui ele.

